

sobre tudo

QUANDO A LOUCURA NOS REDIME: A EXPERIÊNCIA LEITORA NA INTERFACE ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA EM UMA RODA DE LEITURA LITERÁRIA

André Luís Mourão de Uzêda³⁵
Gabriela Neves Rodrigues da Silva³⁶

Resumo: Apresentamos relato de experiência de graduanda de Psicologia atuando como extensionista no projeto de extensão "Fragata: itinerâncias literárias", desenvolvido em parceria entre o Colégio de Aplicação da UFRJ e mais quatro escolas públicas do Rio de Janeiro. Com a fundação de uma roda de leitura literária, estudantes do Ensino Médio reúnem-se semanalmente em encontros internos em suas escolas e, uma vez por mês, todas as escolas participantes do projeto se encontram para um grande encontro de leitura de "itinerância". Trazemos breve discussão teórica na interface entre Psicologia e Literatura, o desenho do projeto, metodologia de trabalho,

³⁵ Professor de Português e Literatura do Colégio de Aplicação da UFRJ; Doutorando em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ. Contato: andrezeda@ufrj.br

³⁶ Estudante de graduação em Psicologia pela UFRJ. Contato: gabrielaneves@live.com

objetivos e o relato das experiências da aluna no 2º semestre de 2018 em torno do eixo temático “loucura”, ressaltando a importância da sua participação na ação de extensão como uma valiosa contribuição para a sua formação como futura psicóloga.

Palavras-chave: Extensão universitária; Leitura literária; Literatura; Psicologia; Roda de leitura.

Abstract: We present an experience report from a Psychology student, who is a member of "Fragata: itinerâncias literárias", an extension project developed by Colégio de Aplicação da UFRJ in partnership with four other public schools in Rio de Janeiro. With the foundation of a literary book circle in each school, high school students gather weekly within their own school grounds and, once a month, all of the project's schools meet for a great reading meeting experience that we call "itinerância". We bring a brief theoretical discussion approaching the interface between Psychology and Literature, the project's design, our work methodology, our objectives and the report of the student's experience on the 2nd semester of 2018, which was focused on the theme of "madness", reaffirming the importance of her participation in the university extension action as a valuable contribution to her education as a future psychologist.

Keywords: Literary reading; Literary book circle; Literature; Psychology; University extension.

Introdução

Para apresentar o projeto de extensão "Fragata: itinerâncias literárias" é preciso voltar a atenção à criatura que o nomeia. Fragatas são aves marinhas itinerantes muito comuns no litoral fluminense, que

voam sempre em bandos, formando belas figuras no céu. Elas passam longos períodos em voo contínuo, até que pousam no período reprodutivo. Do mesmo modo, nós, participantes do Fragata, somos também seres itinerantes que circulam em grupo no Rio de Janeiro – entre docentes e discentes, de graduação e de educação básica, oriundos de diferentes universidades e escolas públicas cariocas, que pousam em distintos locais do Rio de Janeiro para refletirmos sobre e nos afetarmos com/pela literatura.

O projeto consiste na fundação de rodas de leitura de textos literários em escolas públicas. Fundado em 2017, logo envolveu cinco escolas públicas das zonas Norte e Sul da cidade: Colégio de Aplicação da UFRJ, Colégio Estadual André Maurois, Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, Colégio Integrado de Educação Pública Ayrton Senna e o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira/CAP-UERJ. Os encontros internos de leitura ocorrem semanalmente com estudantes do Ensino Médio, a partir de textos previamente selecionados. Então, nossos bandos se unem para pousar, juntos, em um espaço público da cidade que se torna ambiente de troca literária e amizade.

No cruzamento entre pesquisa, ensino e extensão, a iniciativa principal do projeto, cadastrado no edital RUA de fomento a ações extensionistas da UFRJ, é a formação de jovens leitores de literatura, desdobrando-se na formação inicial e continuada de professores na área de Letras. O cultivo da cultura literária se dá no encontro com a leitura compartilhada, potencializada pelas mediações e recursos didáticos elaborados pelos docentes e graduandos extensionistas que participam do projeto. As mediações são dinâmicas imersivas que aprofundam o contato com a narrativa, que colocam o estudante de frente com a alteridade e as diversas realidades sociais existentes. Pela via afetiva e subjetiva propiciada no ato da leitura, pretende-se explorar os sentidos do texto literário em uma dimensão maior do que a mera cognitiva (entendida enquanto mero aprimoramento da habilidade

leitora dos educandos), de modo que a vivência das múltiplas potências poéticas esteja no centro do processo pelo entrelaçamento da experiência leitora com os sentidos da própria vida.

Nessa linha investigativa, a presença de uma estudante de graduação de Psicologia permite uma perspectiva diferenciada para contribuir com o debate. O presente texto é fruto das percepções da estudante extensionista em diálogo com um dos coordenadores do projeto sobre a discussão suscitada entre os estudantes do Ensino Médio com a temática da loucura, a qual conduziu a seleção dos textos lidos ao longo de todo o segundo semestre de 2018. Pela atuação no projeto, a graduanda compartilha a experiência enquanto leitora e agente de intermediação da leitura e, em diálogo com discussão proposta por José Célio Freire (2008), pensa em como tal vivência contribui para uso na sua própria formação de psicóloga. Assim, esse é um texto redigido a quatro mãos, em que orientador e graduanda extensionista conciliam dois olhares sensíveis, os quais partem de diferentes posições acadêmicas e vivenciais. A proximidade etária também é contrastada com os diferentes momentos da vida acadêmica vividos pela graduanda e pelos estudantes do Ensino Médio, circunstância propícia para trocas sinceras acompanhadas de observações enviesadas pela psicologia.

A conjugação da revisão de literatura com relatos experienciais resultou neste trabalho, numa visão ampla capaz de contemplar as teorias por trás da roda de leitura e as minúcias surgidas na prática do projeto Fragata. O texto estrutura-se, assim, em três partes. Na primeira, elencamos alguns dos pressupostos teóricos que o embasam e fundamentam, dando especial atenção, para o recorte a que se propõe esse trabalho, na interface literatura x psicologia. Em seguida, descrevemos o desenho do projeto, sua metodologia de trabalho e seus objetivos. Na terceira e última parte, apresentamos em formato de relato de experiência os resultados da ação extensionista no segundo

semestre de 2018 com as atividades vividas e narradas do ponto de vista da graduanda extensionista, que cursa o terceiro período de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo acompanhado os encontros do Frágata no Colégio de Aplicação da UFRJ, bem como os encontros de itinerância mensais, conforme passamos a detalhar a seguir.

1 Leitura e psicologia: experiência leitora e afetividade

A literatura está em perigo. O alerta de Tzvetan Todorov, embora dirigido ao contexto da educação literária no ensino regular francês, certamente inflige-se à realidade da educação básica brasileira, ainda que reconheçamos, por certo, as condições e variações de ambos os sistemas educacionais. O ensaísta búlgaro evidencia em *A literatura em perigo* (2010) algumas de suas preocupações a propósito da formação de leitores no ensino tradicional aplicado nas escolas francesas. Entre elas, destaca o equívoco curricular dos cursos de Literatura no Liceu (o equivalente aos três anos do Ensino Médio no Brasil) em que o foco recai sobre a disciplina e os seus respectivos métodos e linhas críticas de análise do texto literário em vez de se centrar sobre a leitura da obra em si. Equívoco semelhante observamos nos currículos de Literatura do nosso Ensino Médio: o quanto o texto literário participa de fato como objeto central de nossas aulas? Quantas vezes, em seu detrimento, não privilegiamos a periodicidade literária ou as características dos estilos artísticos? O quanto nossos estudantes estão deixando de se interessar pela literatura quando percebem que não leem as obras, mas o que terceiros disseram sobre elas?

Mobilizado por todas essas preocupações, um grupo de docentes reuniu-se para pensar outra forma de propiciar a experiência da leitura do texto literário que não o formato tradicional das aulas de literatura. Para tanto, privilegiou-se a roda de leitura como estratégia de

aproximação entre estudantes e o texto literário de forma não cronológica, sistematizada e exclusivamente canônica. A roda de leitura propicia o encontro com o texto na esfera da experiência, no sentido postulado por Jorge Larrosa (2002). Pela leitura em círculo e em voz alta, o texto literário está no centro da ação experienciada pelo grupo em diferentes aspectos sensoriais, contrapondo-se a um conhecimento lógico, normativo e informativo. A informação, de acordo com o filósofo, trabalha na lógica do acúmulo de saberes sistemáticos, mas que, diferentemente da experiência, não possibilita ao sujeito a potência para que algo lhe aconteça. Já a experiência, por sua vez, “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, entendemos que durante a roda de leitura está no centro do processo uma experiência leitora, a qual possibilita e resgata a dimensão estética dos textos sem ser essa, contudo, esvaziada de sentido ou restrita a si mesma, como nos adverte Vincent Jouve (2012). Colocando-a na dimensão da experiência como uma forma de saber que nos atravessa, a leitura do texto literário confronta-nos a realidade estética lida com a realidade social vivida pelos leitores. Afinal, “[s]e a dimensão estética tiver sido levada em conta, não terá sido por ela mesma, mas por aquilo que ela significa e representa” (JOUVE, 2012, p. 135). Nesse processo, ganha relevância a afetividade para essa experiência que nos toca e nos sensibiliza no ato da leitura: nossas memórias, interesses, desejos ou ideologias, por exemplo, são algumas das variantes que contribuem para nos fazer afetar-se por essa ou aquela obra, elaborando-se, assim, em sentido ou saber. Como lembra o teórico, “[u]m saber não se torna efetivamente conhecimento, a não ser que seja objeto de uma reapropriação pessoal que passa pela tomada de consciência” (JOUVE, 2012, p. 137).

Visando a potencializar essa experiência pela via afetiva, entendemos ser fundamental o papel da mediação e da intermediação

do texto literário. A mediação do texto atua de diversos modos, seja no confronto entre uma leitura com outra, por um diálogo interdisciplinar entre o conteúdo lido e outras áreas temáticas afins ou na troca de experiências leitoras em uma roda de debate. A primeira mediação é aquela que se estabelece entre o texto lido e o leitor. Michèle Petit lembra que o leitor não é passivo, “ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve [...] [e] também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso vai levá-lo” (PETIT, 2009, p. 28-29). A intermediação é um desdobrar-se dessa primeira: a minha leitura mediada passa ser mediadora da leitura do outro e vice-versa. Na roda de leitura, temos nossas leituras mediadas e intermediadas em fluxo contínuo.

Para a autora, há algo na leitura “que é da ordem do trabalho psíquico” (PETIT, 2009, p. 30), algo esse, por sua vez, que se dá na esfera da intersubjetividade: “é sempre na esfera da intersubjetividade que os seres humanos se constituem; [...] o leitor não é uma página em branco onde se exprime o texto: desliza sua fantasia entre as linhas, a entremeia com a do autor.” (PETIT, 2012, p. 32) Nesse ponto, literatura e psicologia se cruzam. Indo muito além do texto, a experiência da leitura, nas palavras de José Célio Freire, “[i]mplica na constituição subjetiva do universo de leitores e, para além destes, dos indivíduos em geral” (FREIRE, 2008, p. 6). Além de sua própria constituição subjetiva, a leitura promove no leitor, ainda de acordo com o pesquisador, na constituição de sua relação com a alteridade. “A literatura, [...] pela via da estranheza e da estraneidade, nos impeliria na direção de nossa própria diferença.” (FREIRE, 2008, p. 7)

A relação com o outro pode se dar também com o outro do texto literário. Pelo ficcional, novas realidades de mundo se interpõem, outras possibilidades de se conceber o real nos são confrontadas. Propicia-nos, inclusive, resgatar o poder de fabulação – potência intrínseca à própria condição humana. A roda de leitura, nesse sentido,

vem como uma via de acessar a literatura em seu sentido mais primevo – raiz do imaginário e do fictício, tão necessários em dias em que a dura realidade nos lima a capacidade de imaginar outro mundo possível. Propicia o encontro com os outros – ficcionais e reais – e contribui para a formação subjetiva dos sujeitos-educandos leitores em uma atmosfera que não mais a do perigo a que se referiu Todorov, e sim uma “salutar para a constituição de sujeitos abertos ao cuidado humano” (FREIRE, 2008, p. 7).

2 Uma roda de leitura itinerante

Reunidos na biblioteca do Colégio de Aplicação da UFRJ na primeira sexta-feira de cada mês, um grupo de professores de literatura da Educação Básica e estudantes da graduação parecem estar suspensos no tempo. A correria do cotidiano pelo trabalho docente e as tarefas acadêmicas da formação universitária momentaneamente abrem espaço para o prazer e a fruição do texto literário nos encontros de planejamento do projeto de extensão “Fragata: itinerâncias literárias”. A cada um desses encontros, são selecionadas as temáticas, os textos literários, as estratégias de mediação de leitura e criam-se recursos didáticos de sensibilização das obras que compõem os módulos em que se organiza metodologicamente a roda de leitura.

Em linhas gerais, o projeto semestralmente centra-se sobre um grande tema, o qual, por sua vez, é subdividido em módulos em que se desdobra o grande tema em possíveis variações. Assim foi com o “corpo”, no segundo semestre de 2017, com o “silêncio” e a “loucura”, nos primeiro e segundo semestres de 2018, respectivamente, e agora com a “memória”, no primeiro semestre de 2019. As leituras selecionadas para cada módulo que compõem o semestre dialogam entre si aproximações e afinidades temáticas sobre esse grande tema. Trabalhando com a “loucura”, recorte desse trabalho, vale mencionar

que abordamos os módulos “loucura criativa”, “loucura reprimida” e “loucura libertadora” compondo o semestre.

Duas vezes por mês, realizam-se encontros de leitura internos em cada instituição de ensino que integra o projeto. Neles, os estudantes dos respectivos colégios participantes reúnem-se semanalmente para a realização das leituras previamente selecionadas em reunião de planejamento. Nesses encontros, os estudantes são convidados não apenas a partilharem a leitura do texto. Mais do que isso, vivenciam a leitura em diferentes experiências estéticas pela mediação promovida pela equipe executora do projeto, entre docentes e graduandos extensionistas. As estratégias de mediação propiciam, assim, potencializar a experiência leitora a que nos referimos anteriormente quando expusemos os referenciais teóricos que embasam nosso trabalho.

A cada última sexta-feira do mês, nossa roda ganha asas e sobrevoa pelos céus do Rio de Janeiro: todas as escolas participantes do projeto reúnem-se para um grande encontro de itinerância, previamente escolhido durante as reuniões de planejamento, privilegiando logradouro público que tematicamente dialogue com as leituras realizadas naquele módulo. Bibliotecas, museus, centros culturais, parques e praças são apenas alguns dos exemplos que ilustram esses locais de encontro. Promovendo as itinerâncias, intuímos ocupar os espaços públicos da cidade promovendo ações de leitura compartilhada. Em diversas ocasiões já vivenciamos situações inusitadas, como sermos acompanhados por transeuntes na rua que se juntaram às nossas leituras ou que foram surpreendidos pelas intervenções poéticas espontaneamente realizadas nesses espaços pelo grupo de integrantes do Fragata. Essa é, além disso, uma possibilidade de partilha: os estudantes de educação básica das diferentes escolas têm, assim, a oportunidade de trocarem entre si as experiências leitoras realizadas naquele mês em diálogo com as leituras

selecionadas para o encontro de itinerância e a vivência que o espaço escolhido propicia.

Além da formação literária dos estudantes de Ensino Médio, um importante objetivo alcançado pelo projeto consiste na formação inicial e continuada de professores. Os graduandos de Licenciatura em Letras integram o projeto na condição membros da equipe executora. Reúnem-se em encontros de orientação, em que leituras dirigidas de textos teóricos nas áreas da educação literária são discutidas e têm a oportunidade de visitar todo um repertório de leituras literárias pouco tradicionais nos currículos de Letras, considerando autores não canônicos privilegiados para serem lidos nos encontros. Participando das reuniões de planejamento, criam em coautoria com os docentes de educação básica estratégias de mediação e de sensibilização como recursos didáticos a serem aplicados nos encontros internos junto aos estudantes da Educação Básica. Nesses momentos, os licenciandos têm a oportunidade de verificar na prática a eficácia dos recursos por eles mesmos criados e discutem os resultados nos encontros de orientação da semana seguinte com os professores orientadores.

A formação continuada de professores da Educação Básica ocorre especialmente nos encontros de planejamento mencionados anteriormente. Para esse espaço, realizam levantamento bibliográfico de possíveis leituras literárias a serem realizadas nos grupos, criam as estratégias de mediação e sensibilização leitora em coparticipação com os estudantes de graduação e são responsáveis por orientá-los. Participantes do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação Literária, cadastrado em diretório do CNPq, os docentes ainda aprofundam leituras teóricas e compartilham suas experiências em sala de aula com a educação literária em fóruns de discussão da área com a comunidade científica. Como expectativa final, almeja-se, assim, que essas discussões possam reverberar em novas práticas de educação literária a serem integradas nos currículos tradicionais dos cursos de graduação

em Letras com as turmas regulares das escolas públicas em que lecionam.

Por fim, salienta-se que o projeto não se restringe à participação exclusiva de estudantes de graduação em Letras, sendo, assim, possível a participação curricular na ação extensionista por graduandos de outros cursos que se interessem pela literatura. Abrindo a roda de leitura para esses alunos, defendemos que a educação literária é uma experiência que contribui para a formação profissional e humana de todos. A experiência bem sucedida com uma estudante de graduação em Psicologia desde o segundo semestre de 2018 vem sendo muito rica e evidencia, na linha debatida por José Célio Freire, a “importância da leitura para a formação de psicólogos como profissionais do humano” (FREIRE, 2008, p. 7). Assim, partimos para as considerações da estudante sobre os impactos da participação no projeto com o tema da “loucura” na sua formação ainda em curso.

3 Relato de experiência: cruzando as pontes entre psicologia, literatura e loucura

Como componente curricular do curso de Psicologia da UFRJ, a participação em ações de extensão universitária é constantemente realçada para uma formação mais completa e diversificada do estudante. Assim, já no segundo semestre da graduação me entusiasmei para entrar no “Fragata: itinerâncias literárias”, não somente pelo valor afetivo do vínculo com minha antiga escola, como também pela possibilidade de ter contato com temáticas da saúde mental pelo viés literário. Freire (2008) apresenta a literatura como instrumento de formação ética, de modo que sua função promotora de alteridade fomenta a formação da subjetividade humana. Entendendo que, na posição de futura psicóloga, é fundamental conhecer e vivenciar diversos processos de subjetivação, participar do Fragata enriqueceu

em muito minha experiência acadêmica. A literatura abre portas que permitem o trabalho com temas reais a partir de histórias fictícias, colocando o leitor de frente com afetos e perspectivas diferentes das que cultiva.

Meu primeiro contato com o projeto, na realidade, se deu antes de iniciar a graduação em Psicologia. Como estudante no CAP-UERJ entre 2011 e 2017, meu último ano do Ensino Médio ocorreu concomitantemente ao nascimento do projeto. A professora Cassiana Lima, responsável pelos encontros internos no CAP-UERJ, foi minha professora em aulas suplementares de preparação para os exames de qualificação e discursivo da UERJ. A partir desse contato, criamos um vínculo afetivo que dura até hoje, tendo ela me convidado para integrar o projeto de extensão que estava construindo desde a base.

Na época, não pude participar dos encontros por conta dos preparos para os vestibulares do Rio de Janeiro. Porém, um ano mais tarde, após meu ingresso na UFRJ, em nova oportunidade de conversa com a professora Cassiana sobre extensão universitária, fui convidada a reintegrar o Fragata na condição de extensionista. Assim, a participação do CAP UFRJ no projeto possibilitou meu ingresso na sua equipe executora durante o segundo semestre de 2018.

Minha primeira experiência como extensionista do Fragata foi no primeiro encontro interno do módulo “Loucura”. Naquele dia, as leituras escolhidas eram o capítulo “Um chá maluco”, de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol (2010), seguida de uma crônica-carta, intitulada “Para Maria da Graça”, de Paulo Mendes Campos (2013). O encontro foi todo tematizado em torno do universo criado por Carrol: uma das estudantes estava vestida com a fantasia clássica da Alice, baseada no filme infantil da Disney. O chá estava sendo preparado e havia biscoitos na mesa. Eu contribuí levando um Chesire Cat de pelúcia, um dos personagens mais emblemáticos do livro.

Na história, ele costuma estar em árvores que dividem caminhos, e pergunta a Alice: “Para onde você quer ir?”. A importância do Chesire Cat se dá no apontar que, para quem não sabe qual caminho trilhar, qualquer caminho serve – ou nenhum, até que se escolha. Toda a história de Carroll é permeada por analogias ao momento de transformação vivido por Alice, experienciado também por adolescentes no Ensino Médio perante tantas possibilidades de escolhas. A particularidade do encontro foi o envolvimento gerado pela dramatização do capítulo escolhido, que é majoritariamente composto por um diálogo entre a Lebre de Março, Alice e o Chapeleiro: a professora que coordena o Fragata no CAP UERJ, Cassiana Lima, conduzia a roda naquele dia no CAP UFRJ e fazia o papel da narradora. O ambiente imersivo ampliou a proximidade com os paradoxos propostos por Carroll, preparando os estudantes para o contato com formas diferentes de ver o mundo e experienciar a realidade.

O texto "Para Maria da Graça", que menciona a história de Alice, trouxe certa atualidade ao encontro. A crônica é, na verdade, uma carta-dedicatória, posteriormente acoplada ao livro de Carroll, na qual Paulo Mendes Campos incentiva Maria da Graça, adolescente apadrinhada pelo autor do texto que ganha o livro de presente, a expandir suas perspectivas de leitura. Da mesma forma, esse foi o intuito do primeiro encontro interno do módulo: incentivá-los e estimular-lhes o gosto pela leitura literária, bem como contextualizar o tema central do módulo, a loucura, apresentando suas formas de ver o mundo de modo palpável e não pejorativo.

A mediação proposta após as leituras foi uma apropriação da ideia de “chá maluco”, retirada da história de Alice. Cada um foi convidado a escrever sobre sua própria loucura, um pequeno texto em um papel que seria dobrado e colado à corda do sachê de chá escolhido junto a um papel escrito “Non-sense tea”. Um chá feito para que pudéssemos expressar (ou não) e tomar nossas próprias loucuras.

Alguns de nós unimos seus textos ao sachê e efetivamente diluíram suas palavras em chá, intensificando o propósito da dinâmica: assumir sua suposta anormalidade. Nesse dia, foram relatadas pelos participantes crises de ansiedade, de pânico, depressivas e outras que, embora não categorizadas por aquele que falava, expressavam sofrimento psíquico. Enquanto eles relataram que já se sentiram "anormais" e constrangidos por conta do tabu em torno da psique, nosso chá maluco propunha reconhecer que não há normalidade psíquica. Daí a importância de questionar o que é a normalidade, se na verdade a irreverência e o questionamento muitas vezes não são reprimidos sob um rótulo de insanidade.

Para explorar a mente de um artista considerado louco, apesar de apreciado pela corte espanhola, a primeira itinerância com o tema da loucura foi na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, no centro da cidade, onde havia uma exposição de ilustrações de Francisco Goya, intitulada "Loucuras Anunciadas". Antes de entrarmos na exposição, os participantes formaram uma roda com dois educadores do museu, a partir da proposta de levantar o que se sabia sobre o artista espanhol e o contexto da Inquisição setecentista em que viveu.

Desse modo, ao entrar na sala todos tinham em mente alguns questionamentos, especialmente por Goya ter sido homem tão crítico a seu tempo e ter recebido esse rótulo da realeza inquisidora. Além de uma linha do tempo apresentando a vida de Goya e o contexto histórico por ele vivenciado, as gravuras estavam expostas nas paredes, acompanhadas de pequenos textos falando do simbolismo de alguns dos personagens contidos nas obras – entre eles, o preferido pelos estudantes: Bobalicon, a loucura sem máscaras e imaginativa. O ambiente nos convidava a uma leitura que desnaturalizasse o comportamento humano por meio das expressivas linhas do artista.

Após cerca de 40 minutos observando as gravuras, nos foi proposta a seguinte atividade pelos educadores do centro cultural:

sortear uma palavra (em geral, sentimentos ou sensações), escolher as obras que a representavam na exposição e falar um pouco sobre ela. Isso desencadeou questionamentos sobre a relação entre aparências e realidades que existia no tempo de Goya e no nosso, além das semelhanças quanto a contextos que reprimem ideias avançadas ou subversivas. Fomos até a sala de atividades, e a discussão tornou-se enriquecida pela leitura de um trecho do romance *A lua vem da Ásia*, de autoria de Campos de Carvalho (2016).

O texto retrata a perspectiva de um homem internado em um hospício – informação que não é dada, mas construída por meio de detalhes do discurso do narrador em primeira pessoa. A ausência da estrutura textual tradicional na narrativa e seu conteúdo explicitam que ele não está mais são por ser tratado no manicômio, o que conduziu nosso debate a pôr em dúvida se esse modelo realmente promove saúde mental ou somente a normatização e isolamento do indivíduo desajustado sob os olhos da sociedade.

No segundo encontro interno do semestre lemos um trecho de *Catatau*, romance de Paulo Leminski (2004), e o poema "Circulador de Fulô", de Haroldo de Campos (2013) – este último, adaptado musicalmente por Caetano Veloso, cuja versão escutamos coletivamente no encontro. O trabalho com esses textos foi focalizado na forma do discurso, na linguagem atípica desenvolvida com auxílio de neologismos estranhos ao primeiro contato. As reações dos estudantes, de início, apresentaram certa perplexidade simultânea ao interesse pela escrita diferenciada, além do frustrante desejo de tentar entender as "maluquices" descritas.

A falta de linearidade nos é estranha em um texto publicado; contudo, rapidamente chegamos ao consenso de que o pensamento humano é muito mais próximo daqueles textos do que de sonetos, por exemplo. As narrativas de Leminski e Campos têm em comum a velocidade implicada na leitura e a mudança súbita no foco de atenção,

nos remetendo à nossa própria inconstância e nossas falhas tentativas de nos atermos à racionalidade na integralidade do tempo.

Para proporcionar um momento de comunicação sem cadência lógica, nos sentamos em roda dirigindo as costas uns aos outros. Em seguida, foi proposto que imitássemos sons de animais a plenos pulmões, independente de estarmos na biblioteca de uma escola. Instaurada a comunicação não linear, fizemos um experimento de escrita coletiva. Pegamos papéis, canetas e um dado improvisado com a seguinte proposta: o número que resultasse do dado seria a quantidade de palavras que escreveríamos em um verso, cada um com sua folha. Feito isso, cada um dobraria o papel de modo a ocultar seu verso e então todos passariam sua folha adiante em sentido horário.

Isso se repetiu até que cada folha estivesse preenchida de versos escritos por pessoas diferentes, que desconheciam as palavras escritas acima das suas. Essa breve atividade mostrou, entre outras coisas, a conexão do grupo naquele momento: sem nada combinado, alguns dos poemas apresentaram alguma coerência interna, como um dos casos em que a cor azul foi recorrente. A produção dos poemas teve resultados muito positivos, e gerou entusiasmo quanto à escrita dos participantes, criadores poéticos às cegas, coletivamente articulando palavras em uma produção aparentemente irracional.

As reuniões de planejamento ocorrem mensalmente. Não pude comparecer à primeira do semestre, logo o primeiro módulo foi uma grande e alegre surpresa do início ao fim. Ao seu término, contudo, fiz um recorte de gênero ao analisar as leituras feitas até então, e pontuei já na segunda reunião de planejamento que ainda não havíamos lido nenhum material de autoria feminina. A hegemonia masculina na literatura, por vezes, passa despercebida mesmo em espaços cujo intento é desconstruir hierarquias como tal. A partir disso, o segundo módulo se iniciou com Cora Coralina.

No dia 21 de setembro, o Fragata participou da Festa Literária do Colégio Estadual André Maurois, que integra o projeto, com ênfase temática nos direitos humanos. Os estudantes da escola tiveram ativa participação na estrutura da FLAM: as paredes estavam repletas de pares de asas dos mais diferentes materiais, cores e temas, além da Sala Sensorial, na qual se entrava vendado. A atividade do Fragata ocorreu logo após palestra e discussão sobre “loucura e direitos humanos” – em diálogo com a temática do semestre. Ao fim da palestra, nós organizamos as cadeiras do auditório em roda. O texto escolhido para trabalhar na festa veio do livro *Vintém de cobre*, de Cora Coralina (2013). O poema se chama "Coisas de Goiás: Maria", em alusão à personagem histórica da Cidade de Goiás retratada, Maria da Purificação, popularmente conhecida como “Maria Grampinho” (apesar de a mulher quando viva não aceitar o apelido, assim ela se consolidou no folclore goiano).

Escolhemos o texto na reunião de planejamento uma semana antes, por considerarmos importante fazermos uma ponte com o tema dos direitos humanos. Assim, suscitamos um questionamento sobre a posição social ocupada por essa mulher negra e pobre, considerada uma louca da cidade sobre a qual ninguém realmente nada sabia. Todos foram convidados a compartilhar histórias de figuras marcantes das regiões onde moram sobre aqueles que lhes foram apresentados como “loucos”. Antes de ler o poema, simbolicamente foram distribuídos grampos de cabelo. A leitura do poema não foi estruturada previamente: cada participante possuía liberdade para ler o verso que viesse em seguida, mesmo que houvesse consonâncias. Em alguns versos destacados do texto, por serem reproduções de falas dos cidadãos de Goiás, várias pessoas liam trechos do poema simultaneamente.

O papel dos organizadores do Fragata foi de fomentar os questionamentos sobre a vida de Maria Grampinho, se Cora Coralina

realmente merece a posição de benevolência por deixá-la dormir em seu porão conforme dita sua biografia oficial – em condições próximas à da senzala. Propusemos, então, fazermos trouxas de pano como as de Maria: costuramos botões no tecido, prendemos grampos e preenchemos as trouxas com palavras que gostaríamos de carregar. "Esperança" foi a única que gerou coincidência; as palavras se mantinham na nuance entre amor e resistência. A coletividade daquele auditório era de clara esperança e de coragem, resistência e fôlego – para atuar além do simbólico, as trouxas nos representavam naquele momento.

Particularmente relevante para minha formação em Psicologia foi a proposta de mediação aplicada em encontro interno que objetivava trabalhar mudanças de perspectiva. Para tanto, ilustrações clássicas da teoria Gestalt foram apresentadas aos estudantes. As imagens são elaboradas de modo a contrastar a figura e o fundo. Na psicologia, essa teoria defende que o cérebro humano economiza o máximo de energia possível em seus processos cognitivos, por isso compreende o fundo e a figura separadamente, embora ambos estejam presentes – como na clássica em preto e branco em que se pode enxergar um cálice (representado em preto) ou dois rostos humanos (representados em branco).

Essa atividade serviu de disparadora sobre o que seria verdadeiro, ou mais ainda: se haveria uma verdade una ou se a mesma imagem trazia consigo significados diferentes. Realizamos, então, a leitura do conto "A doida", de Carlos Drummond de Andrade. Nesta narrativa, há uma velha na vizinhança que, há gerações, é chamada de louca, embora haja versões diferentes da história que a teria levado a enlouquecer. Vale ressaltar, aqui, algo pontuado pelas participantes: todos os motivos envolviam uma figura masculina, inclusive um dos rumores atribui a insanidade a um caso de violência doméstica na noite nupcial, tendo sido rejeitada pelo marido.

Um grupo de meninos decide vandalizar a casa; entretanto, somente um entra e se depara com "a doida". A perspectiva do garoto muda quando ele se permite alguma conexão com aquela mulher. Naquela região, era uma verdade que aquela senhora era louca e sua casa, mal assombrada – no entanto, havia a verdade de uma senhora doente e abandonada pela família. Assim como nas ilustrações apresentadas no início do encontro, havia uma primeira impressão que coexistia com uma segunda completamente diferente. Dessa experiência, surgem duas narrativas discrepantes: uma de compaixão e uma de condenação.

No dia 26 de outubro, fizemos uma nova itinerância do Fragata: pousamos no Museu Bispo do Rosário, no bairro de Jacarepaguá. Homem negro com esquizofrenia paranoide, Bispo do Rosário deixou centenas de obras de arte que produziu por acreditar que sua missão era apresentar o mundo a Deus. Tarefa ambiciosa, mas que o inspirou a trabalhar com pinturas, painéis, bordados e esculturas. A visita guiada pelos educadores do museu propunha diálogo entre a produção do artista e aspectos de sua biografia, especialmente sua condição negra e portador de doença mental em conflito com valores de uma sociedade racista e racionalista.

Todo o trabalho do artista é permeado por sua espiritualidade, o que implica a presença de homenagens a orixás na mesma sala onde a Virgem Maria é representada. Sua ancestralidade africana está presente em inúmeros trabalhos. Durante a visita, ponderamos se ele não desejava apresentar a Deus aquilo que era invisível aos olhos dos homens influentes de sua geração. Em mais de uma obra, frases ou palavras – por vezes, nomes de cidades africanas – são bordadas em tecidos.

Contudo, a obra principal foi ambicionada por anos por Bispo: o manto triunfal com o qual ele finalmente se apresentaria a Deus. A veste possui uma pequena sala só para si, e nesse momento os guias

nos convidaram a ficarmos apertados em um território menor ainda daquele espaço, com menos de três metros quadrados. Quando todos estávamos claramente apertados uns contra os outros, o guia nos disse que aquele era o tamanho da cela em que Bispo ficava aprisionado em contextos de crise e de agressividade.

A determinação do artista para cumprir sua missão impressionou a todos, dadas as condições de encarceramento velado de um manicômio. Ele era considerado um louco enfurecido e problemático, a tal ponto que foi isolado na pequena cela individual. Seu trabalho foi possível por despertar nos guardas a sensação de que ele ficava mais calmo quando criava sua arte; logo, eles se tornaram fornecedores de materiais ao artista. Acriação artística como saída para angústias interiores apareceu em nosso módulo algumas vezes, como na visita ao Museu Imagens do Inconsciente – onde Nise da Silveira institucionalizou a prática da terapia ocupacional. Fizemos, então, um questionamento: será que, se nascido branco, sua arte teria sido vista como genial em sua época? Também nos perguntamos se ele teria se tornado esquizofrênico paranoico caso não tivesse, tão cedo, sido considerado perigoso e levado ao manicômio.

Ao fim da visita, nos reunimos em uma sala para um lanche coletivo acompanhados dos poemas de Adélia Prado selecionados para a ocasião: “A serenata” e “Cabeça”, presentes no livro *Bagagem* (2014) – tanto os textos quanto o título da obra despertaram discussão. “A serenata”, em especial, trouxe a indagação do papel que a misoginia atribui à mulher que já passou de sua juventude. Prado conclui que, caso chegue um príncipe à sua bancada, ou ela vira doida, ou vira santa: ao longo do módulo, tivemos essa discussão em outros momentos, como durante a leitura do conto “A doida”, de Drummond de Andrade, e em nossa última itinerância, no Museu Imagens do Inconsciente.

Para trabalhar a relação entre loucura e gênero, escolhemos o conto de Gabriel García-Marquez “Só vim telefonar”. A protagonista,

por infortúnio, teve um problema com seu carro e, em seguida, conseguiu carona em um ônibus que ia em direção a um hospício. Embora ela realmente só precisasse usar o telefone para contatar seu marido, ela foi tomada por louca e torturada no manicômio. Quando a personagem não se mostrava resignada, ela era repreendida de imediato – um paralelo direto com o que ocorre com mulheres na sociedade patriarcal.

A reflexão de gênero principal do texto se deu a partir da postura de seu marido que, ao visitá-la, tratou-a como insana e disse que seria melhor se ela ficasse mais um pouco na instituição. O fato do par romântico da personagem fazê-la se sentir louca e agir de acordo com isso também despertou memórias nas mulheres presentes. Quando a posição discordante ou de temperamento forte é recebida pelo homem como histeria, há silenciamento da mulher, que é afetada e moldada psicologicamente. O pedido de resgate da personagem contra o manicômio foi uma ligação às escondidas para seu amado que, ao fim, tratou-a com a mesma infantilização e excesso de cautela dos médicos.

A partir da fatídica ligação, a mediação proposta foi realizar telefonemas para conhecidos dos participantes, como grito de socorro em forma de poesia. Fizemos ligações entre os próprios colégios participantes e também para colegas e familiares. A dinâmica proporcionou boas risadas por conta da incompreensão inicial dos escolhidos, mas foi um ato simbólico de recuperação poética em meio ao cotidiano caótico ao qual nos acostumamos a viver.

Desde o princípio havia o desejo de visitarmos a instituição onde Nise da Silveira trabalhou, o Hospital Psiquiátrico Pedro II. Atualmente, lá se encontra o Museu de Imagens do Inconsciente, cujo acervo se constrói continuamente até hoje a partir do trabalho com terapia ocupacional de Nise e os que desde então a sucederam. Seu trabalho atraiu atenção internacional, a ponto de Carl G. Jung, um dos

maiores psicanalistas do século XX, se corresponder diretamente com ela e convidá-la para o Congresso Internacional de Psiquiatria de 1957. A prática de Nise permitia uma expressão do inconsciente, além de dar à pulsão, enquanto força constante e desejante do indivíduo, um objeto de prazer: “a arte, a religião e a filosofia se produziram no registro da sublimação [...], [a qual] envolveria a suspensão do recalque” (BIRMAN, 2008, p. 23). Suspenso o recalque (obstáculo terapêutico, essa pulsão, que geraria angústia, encontra prazer em detrimento de fomentar o que seria chamado de loucura). O número de obras do local é estimado em mais de trezentos mil, entre os pacientes da própria psiquiatra e os que realizaram tratamento na casa após sua morte.

Uma vez no museu, nos deparamos com uma mensagem firme e subversiva de Nise, que demonstra sua contrariedade aos eletrochoques. Enquanto médica do hospital que não se dispunha a seguir o protocolo do local, Nise ganhou espaço na instituição para criar ambientes criativos com os pacientes, que propiciaram a formação do acervo do museu e transformações subjetivas nos criadores. Diversos dos quadros do primeiro andar contêm mensagens correspondentes a seus pintores, falas suas ou sobre eles.

No segundo andar, além de obras de pessoas assistidas pela própria Nise, encontramos poemas, desenhos e pinturas de atuais pacientes do hospital. Seu legado é inegável, e relatos recentes demonstram que a eficácia da expressão artística na promoção de saúde mental é atemporal. Nas paredes, há alguns relatos dos artistas contando o que os levara até ali – entre eles um que foi retido por nadar nu em uma praia, condenação que nos parece mais puritana que medicinal.

Finalizada a visita ao museu, nos dirigimos a uma praça do hospital para realizarmos as últimas leituras do módulo e do ano. Bem próximo dali ocorria uma feira de venda de artesanatos e roupas promovida pelos pacientes, o que fez com que dois deles se

interessassem pela leitura e viessem se integrar a nós em alguns momentos. Foram escolhidos dois poemas, sendo o mais impactante para o grupo "Quando", de Éle Semog (2015). Seus versos resgatam cada uma das seis vezes em que sujeito lírico do poema ficou louco – ou assim foi considerado ao longo de sua existência. Desde o nascimento até as indagações da vida adulta, o autor sente que a insanidade do mundo o contagiou novamente – ele prevê que está prestes a enlouquecer mais uma vez, na última estrofe. Após meses lendo e refletindo sobre sanidade e loucura, é difícil não sentir que a própria normalidade é incoerente, ao mesmo tempo em que já não estranhamos tanto o que em nós há de ilógico. Se a normatividade é imposta, todos agora temos olhares mais atentos aos irracionais comandos disciplinadores.

Considerações finais

Se é fato que a literatura está mesmo em perigo, também é verdade que há muita força e resistência na luta por um projeto de educação literária voltado para a formação do pensamento crítico, humanista e emancipatório dos nossos estudantes – especialmente na rede pública de ensino. Em tempos em que é preciso reafirmar a importância de um projeto de educação democrática e em respeito aos direitos humanos, nada mais valioso do que a sensibilização pelo texto literário, o qual promove a experiência do afeto e do encontro com o outro no fortalecimento das subjetividades e da alteridade.

A extensão universitária, por sua vez, vem cumprir com seu papel de diálogo entre a produção científica e a comunidade externa. Nesse sentido, o projeto de extensão “Fragata: itinerâncias literárias” alcança desde a base – a escola pública – até a formação acadêmica e profissional, seja a de professores (inicial e continuada), seja a de outros cursos de graduação, como no caso evidenciado no presente trabalho

com a formação de uma estudante de Psicologia. Assim, do encontro entre literatura, educação e psicologia, como intuímos demonstrar, potencializam-se as relações humanas para uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos de aprendiz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. In: **Psicologia clínica**. v. 20, n. 1, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v20n1/01.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2019

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, Jan-abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

CARVALHO, Campos de. **A lua vem da Ásia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/210/179>. Acesso em: 30 dez. 2018.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**. São Paulo: Global, 2013.

GARCÍA-MARQUEZ, Gabriel. **Doze contos peregrinos**. São Paulo: Record, 1992.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SEMOG, Éle. **Guarda pra mim**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

